

La Comédiathèque



Prognóstico Reservado

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Prognóstico reservado

Jean-Pierre Martinez

Tradução para português pelo autor

Kevin encontra-se em coma profundo depois de um acidente numa bicicleta partilhada. Os familiares, com quem há muito perdeu o contacto, são chamados ao hospital para decidir sobre o seu destino e evitar um prolongamento terapêutico inútil.

Mas esta decisão coletiva torna-se ainda mais difícil quando o doente revela não ser exatamente quem todos julgavam e guardar um segredo que pode render uma verdadeira fortuna...

Personagens:

Álvaro (ou Alva): irmão (ou irmã) de Kevin

Luísa (ou Luís): irmã (ou irmão) de Kevin

Joana: companheira de Kevin

Doutor Graça: médico ou médica

Alegria: enfermeira ou enfermeiro

Santos: inspetor ou inspetora

5 ou 6 intérpretes, homens ou mulheres.

O papel de Santos pode ser interpretado pelo mesmo ator ou atriz que faz de Graça, desde que mude de caracterização e figurino para não ser reconhecido. Trata-se, em qualquer caso, de uma convenção teatral. Se o público descobrir o artifício, isso só contribuirá para o efeito cómico.

© La Comédiathèque

Um quarto de hospital. Numa cama articulada, ligeiramente inclinada, jaz um doente ligado a um soro e a vários aparelhos de monitorização. Tem a cara coberta por um lençol. Como não terá falas, o doente será representado por um manequim. Entram o Doutor Graça (homem ou mulher) e a enfermeira Alegria (ou enfermeiro), ambos de bata branca.

Graça – Faz um calor nestes hospitais... Até apetece abrir uma clínica privada, nem que seja só para ter ar condicionado.

Alegria – E depois admiram-se de que os micróbios se multipliquem.

Graça – Estão sempre a falar do défice do Serviço Nacional de Saúde. Se, para começar, desligassem o aquecimento no verão, já poupavam uma fortuna em combustível.

Alegria – E ainda diminuía as infeções hospitalares, Doutor Graça.

Graça – Por falar nisso, desconfio que estou a incubar um estafilococo dourado. A não ser que seja uma doença tropical. Mas a senhora, enfermeira Alegria, está com um aspeto radioso.

Alegria – Obrigada, doutor. É do caroteno. Não estou demasiado cor de laranja?

Graça – De maneira nenhuma, minha querida. Ora bem, o que temos para hoje?

Ela entrega-lhe o processo clínico.

Alegria – Kevin Mariani, quarenta anos. Está em coma profundo depois de um acidente numa bicicleta GIRA.

O médico consulta o processo.

Graça – O uso de capacete devia ser obrigatório para os ciclistas.

Alegria – Neste caso, a vítima levava capacete. Infelizmente, não chegou. Foi bater de frente contra um autocarro.

A enfermeira levanta o lençol: a cabeça do doente está coberta por um capacete integral.

Graça – Mas agora, aqui, só corre o risco de cair da cama. Porque é que ainda não lhe tiraram o capacete?

Alegria – Lá dentro está tudo de tal maneira desfeito... Não nos atrevemos a tirá-lo, com medo de o cérebro se espalhar pela almofada.

Graça – Concluo que as hipóteses de acordar tão cedo são bastante reduzidas...

Alegria – Uma paragem respiratória terá provocado falta de oxigenação do cérebro.

O médico volta a consultar o processo.

Graça – Estou a ver... Eletroencefalograma plano. Aparente morte cerebral. Não seria melhor acabar já com o sofrimento dele?

Alegria – É verdade que libertávamos uma cama, mas...

Graça – Tem razão, primeiro convém consultar a família. Já avisaram os familiares?

Alegria – Sim. Não devem tardar.

Graça – Ótimo.

Alegria – Mais alguma recomendação para este doente, doutor?

Graça – Deixe-me pensar... Mantenha bem fechada a viseira do capacete, para que não entrem moscas.

Alegria – O doutor não tem preço...

Graça – Não ter preço, precisamente! É por isso que vou dedicar-me à medicina a duas velocidades, minha cara. O setor público já não tem meios para pagar o meu talento como merece... Aceitava acompanhar-me na minha nova clínica, como enfermeira-chefe?

Alegria – Seguia-o até ao fim do mundo, doutor. Até para um dispensário gratuito no coração de África. Quanto mais para uma clínica bem climatizada em Cascais!

Graça – Pressinto que vamos fazer grandes coisas juntos, enfermeira Alegria... Só me falta encontrar uns beneméritos generosos que financiem o projeto!

Alegria – Talvez tenha uma ideia...

Graça – A sério? A senhora é extraordinária, enfermeira Alegria.

Ela volta a cobrir o capacete com o lençol.

Graça – Mas porque é que lhe cobre a cabeça? Quando entrei, até pensei que já estivesse morto...

Alegria – Às vezes abre os olhos. Deve ser um reflexo nervoso. É para o proteger da luz...

Graça – É verdade, estes néones são muito agressivos. Na nossa clínica vou mandar instalar uma iluminação ambiente. É muito mais agradável.

Alegria – Sobretudo para estes pobres moribundos.

Graça – Não se preocupe. A minha clínica só aceitará doentes solventes e de perfeita saúde. Estou a pensar especializar-me em cirurgia estética...

Alegria – Os ricos também têm direito a que lhes corrijam os pequenos defeitos... Eu própria sei que não sou perfeita. O que acha dos meus seios, doutor?

Começam a sair.

Graça – Acho-os magníficos, enfermeira Alegria. Magníficos. Mas, se quiser, logo os examino mais de perto... Próximo doente?

Alegria – Um sem-abrigo que o INEM encontrou ontem à noite na rua, em coma alcoólico. Também não é provável que acorde tão cedo.

Graça – Com este calor, não convém deixá-lo cá muito tempo, senão começa a cheirar... Não haverá um lugarinho no congelador da cozinha? Ao menos ficava fresquinho...

Alegria – O doutor ainda me mata a rir! Consigo, pelo menos, nunca nos aborrecemos...

Graça – Com a nossa profissão, é preciso rir de vez em quando...

Saem do quarto.

Logo a seguir, entra Álvaro (ou Alva, conforme a distribuição), uma pessoa de estilo boémio-burguês, com o telemóvel colado ao ouvido.

Álvaro – Olha, ainda não sei nada. Acabei de chegar ao hospital, mas enganei-me no quarto. Fui dar com um pobre tipo em hipotermia que não cheirava nada bem. Mas agora já estou à frente dele...

Repara no doente deitado na cama.

Álvaro – E também não tem muito bom aspeto, devo dizer... Está cheio de fios e tubos. Parece um transformador elétrico. Ainda nem tenho a certeza de que seja ele. Tem um lençol a tapar-lhe a cara... Sim, tens razão, geralmente não é bom sinal... Enfim, o médico não deve tardar. Depois sei mais alguma coisa...

Entra Luísa, com um estilo de menina bem.

Álvaro – Desculpa, tenho de desligar. A minha irmã acabou de chegar. Está bem, telefone quando souber alguma coisa, mas não esperes por mim para almoçar... Beijinhos, eu também...

Guarda o telemóvel e cumprimenta a irmã com dois beijinhos.

Luísa – Olá, Álvaro.

Álvaro – Olá, Luísa.

Ela repara no doente, que tem a cara coberta pelo lençol.

Luísa – Meu Deus! Não me digas que cheguei tarde demais... Morreu?

Álvaro – Se estivesse morto, acho que já tinham desligado estes aparelhos todos.

Luísa – Tens a certeza de que é ele? Eu primeiro enganei-me no quarto...

Álvaro – Também tu? Entre o quarto 13 e o 13-A, não admira...

Luísa – Esperemos que, apesar de tudo, lhe dê sorte...

Álvaro – O quê?

Luísa – O número treze!

Ele consulta a ficha presa aos pés da cama.

Álvaro – Kevin Mariani. Sim, é ele.

Luísa – Talvez devêssemos tirar-lhe este lençol da cabeça, não?

Álvaro – Parece uma mortalha, é verdade, mas... Não sei se...

Luísa – Tens razão. É melhor não mexer em nada antes de chegar a polícia.

Álvaro – Queres dizer, o médico...

Luísa – Cruzei-me com ele no corredor. Disse que vinha já.

Álvaro – Que história... Há tanto tempo que não sabia nada dele... E agora reencontrá-lo assim, neste estado... E tu, como estás?

Luísa – Bem, bem... Vai-se andando...

Silêncio embaraçado.

Álvaro – Ainda moras em Vila Franca de Xira?

Luísa – Nunca morei em Vila Franca de Xira.

Álvaro – A sério?

Luísa – É em Vila Franca do Rosário.

Álvaro – Ah, claro...

Novo silêncio embaraçado.

Luísa – E tu, continuas na publicidade?

Álvaro – Trabalho em finanças.

Luísa – Ah, pois, é verdade...

Álvaro – E do Kevin, tinhas notícias?

Luísa – Não mais do que tu. A última vez que o vi foi no funeral do pai. Ao qual tu não foste, se bem me lembro.

Álvaro – Surgiu um imprevisto de última hora. Mas temos de reconhecer que, nesta família... nunca fomos muito dados à família.

Luísa – É terrível... Coitado, nunca teve sorte nenhuma.

Álvaro – Não... Pobre Kevin... A começar pelo nome...

Luísa – O que tem o nome?

Álvaro – Nunca achaste estranho chamar-se Kevin?

Luísa – Há imensa gente que se chama Kevin.

Álvaro – Não gente do nosso meio. Nem da idade dele.

Luísa – É verdade... E, que eu saiba, não temos nenhum avô nem nenhum tio chamado Kevin.

Álvaro – Sei lá... Talvez tenha sido adotado...

Luísa – Isso explicava muita coisa...

Álvaro – Sempre foi o patinho feio da família...

Luísa – Sim... Nem sequer é muito parecido connosco.

Álvaro – Até tem um certo ar asiático, não achas?

Luísa – Asiático, achas?

Álvaro – Assim, só um bocadinho.

Luísa – Achas que foi adotado e que lhe deixaram o nome de origem?

Álvaro – Também não deve haver assim tantos chineses chamados Kevin...

Luísa – Pois...

Álvaro – A vantagem, se afinal não fôssemos da mesma família, é que, se ele precisasse de um rim, não seríamos compatíveis...

Luísa – Pois...

Álvaro – Ah, aí vem o Doutor Desgraça... (*À parte*) Com um nome destes, duvido que traga boas notícias...

Entram o médico e a enfermeira.

Graça – Doutor Graça, por favor, sem o «des». E esta é a enfermeira Alegria.

Luísa – Bom dia, doutor.

Álvaro – Enfermeira...

Luísa – Viemos assim que o hospital nos avisou.

Graça – São os irmãos do doente, não é?

Álvaro – Sim, enfim...

Graça – Lamento muito o que aconteceu ao vosso irmão.

Luísa – Então é assim tão grave?

Graça – Não vos vou esconder que o estado dele é extremamente preocupante e que corre risco de vida.

Luísa – Acha que ainda há alguma esperança?

Graça – O senhor Mariani sofreu um traumatismo craniano muito violento. Infelizmente, o crânio ficou gravemente danificado. Está em coma profundo, mantido vivo por meios artificiais. Vamos continuar os exames, mas receio que já se encontre em morte cerebral.

Álvaro – Ou seja, está feito um vegetal...

Graça – Estudei catorze anos para chegar a médico. Tinha de vos explicar isto com alguma terminologia científica, nem que fosse para justificar o meu salário astronómico. Mas sim, pode resumir-se assim.

Luísa – Portanto, não há hipótese nenhuma de ele acordar do coma?

O médico pega na radiografia que Alegria lhe entrega e mostra-a aos dois.

Graça – Aqui têm uma radiografia do crânio do senhor Mariani. Como podem ver, há numerosas lesões e múltiplas fraturas.

Álvaro e Luísa fingem observar a radiografia e perceber alguma coisa.

Luísa – Pois é, realmente não está bonito de se ver.

Álvaro – Apesar disso, o crânio parece estar em bom estado... A curva é perfeita...

Graça – Não, isso não é o crânio. É o capacete.

Luísa – O capacete?

Alegria – O crânio está tão danificado que preferimos deixar-lhe o capacete, por enquanto, para manter o cérebro no lugar.

Graça – Ou aquilo que resta dele...

Álvaro – Quer dizer que, sem isso...

Graça – Imaginem uma porção de esparguete dentro de um passador rachado, com uma panela por baixo. Achámos mais prudente manter a panela debaixo do passador, para que o esparguete não se espalhasse pelo lava-loiça.

Álvaro – Ah, assim já percebo muito melhor...

Graça – Peço desculpa por vos fazer esta pergunta de forma tão brusca, mas... Sabem se o senhor Mariani alguma vez manifestou a sua vontade quanto ao que deveria ser feito caso, como infelizmente acontece agora, tivesse de ser mantido vivo artificialmente?

Luísa – Não sei... Nunca tivemos ocasião de falar desse assunto... Também não nos víamos muitas vezes... *(Para Álvaro)* Ele alguma vez te falou nisso?

Álvaro – Não... A última vez que o vi foi no teu casamento. Não era propriamente a ocasião ideal para falar dessas coisas. Embora... Durante a «Dança dos Patinhos», quem é que nunca pensou, nem que fosse por um instante, no suicídio assistido?

Graça – Não vos quero pressionar, evidentemente. Mas terão de pensar no que fazer em relação ao vosso irmão.

Alegria – E, se for caso disso, terão também de tomar uma decisão sobre uma eventual doação de órgãos.

Álvaro – Doação de órgãos? Ah, mas... Convém esclarecer uma coisa, doutor... Temos boas razões para pensar que o Kevin é apenas nosso irmão adotivo... Portanto, provavelmente não seríamos compatíveis como dadores de órgãos...

Alegria – Acho que o doutor se referia à possibilidade de doar os órgãos do Kevin...

Álvaro – Os órgãos do... Ah, claro... Evidentemente... E sou inteiramente a favor. Se servir para salvar uma vida...

Graça – Seja como for, também temos de ouvir a senhora Mariani. Telefonou há pouco e não deve tardar a chegar.

Luísa – Senhora Mariani...

Alegria – A mulher dele. A vossa cunhada.

Álvaro – Claro...

Graça – Vou deixar-vos a sós com o vosso irmão... Podem falar-lhe, evidentemente, mas não garanto que vos consiga ouvir...

Álvaro – Obrigado, doutor.

Graça – Estou ao vosso dispor. Se precisarem de alguma coisa, carreguem na campainha. Virá uma enfermeira... Ou, se for necessário, um padre...

O médico e a enfermeira saem. Álvaro e Luísa olham para o doente.

Luísa – Sabias que ele era casado?

Álvaro – Não...

Luísa – Podia ao menos ter-nos mandado um convite. Não sei se iria ao casamento, mas... Era o mínimo, não era?

Álvaro – É curioso. Não o consigo imaginar casado.

Luísa – Pois... Estou curiosa para ver como é a mulher dele...

Álvaro – Pelo que o médico disse, não devemos tardar a descobrir...

Entra Joana, a presumível mulher de Kevin. A personagem pode ser interpretada por uma mulher de aparência pouco feminina ou por um homem vestido de mulher.

Joana – Meu Deus! Kevin! (*Álvaro e Luísa trocam um olhar intrigado.*) Não me digam que cheguei tarde demais!

Álvaro – Esteja descansada, ainda está vivo. Por assim dizer...

Joana – Sou a Joana, companheira do Kevin. E vocês são...?

Álvaro – Sou irmão dele...

Luísa – E eu sou irmã...

Joana – Que estranho... Nunca me falou de vocês...

Álvaro – Também nunca nos disse que era casado...

Joana – Sempre foi muito reservado. Quer dizer... Continua a ser muito reservado.

Álvaro – No estado em que está, é difícil ser mais discreto...

Joana – O médico disse-vos se ainda há esperança?

Luísa – Na verdade, não nos tranquilizou nada... Acredite que estamos tão consternados como a senhora... Têm filhos?

Joana – Ainda não, infelizmente... Ao menos ficava com alguma coisa dele...

Luísa – Com certeza.

Joana – Mas vão tentar tratá-lo, não vão?

Álvaro – Acho que nos chamaram sobretudo para saber se concordamos em pôr fim ao sofrimento dele...

Joana – Pôr fim ao sofrimento?

Luísa – Infelizmente, o Kevin está em coma profundo desde o acidente.

Joana – O acidente? Mas o que é que lhe aconteceu, afinal?

Álvaro – Pois é... Afinal, o que aconteceu?

Luísa – Esquecemo-nos de perguntar...

Álvaro – Talvez um acidente de viação.

Joana – O Kevin nem tinha carta de condução.

Álvaro – Seja como for, parece-me que o Doutor Desgraça... perdão, Graça, só está à espera da nossa autorização para o desligar...

Joana – Desligá-lo? Até parece que estão a falar de uma torradeira! É vosso irmão!

Luísa – Para dizer a verdade, já não nos víamos há anos...

Álvaro – Até me pergunto porque é que nos mandaram chamar.

Luísa – É verdade que somos a única família dele, além de si, mas tomar uma decisão destas...

Álvaro – Eu não sou religioso e não tenho nada contra a eutanásia. O problema é o nome. Não ajuda a vendê-la. Sobretudo a segunda metade.

Joana – A segunda metade?

Álvaro – «Nazi»!

Luísa – É verdade que os alemães nos deixaram más recordações da eutanásia...

Álvaro – O que prejudica imenso a imagem de uma prática que, em casos destes, até pode ser útil.

Luísa – Talvez fosse melhor ser a senhora a decidir. Afinal, conhecia-o muito melhor do que nós...

Joana começa a soluçar, de forma pouco convincente.

Joana – Não, não estou preparada para... o desligar, como vocês dizem... Pelo menos para já...

Luísa – Respeitamos inteiramente a sua decisão, acredite. Não é, Álvaro?

Álvaro – Claro... *(Olha para o relógio.)* Aliás, não tarda tenho de ir embora... Já que, por agora, não podemos fazer nada...

Luísa – Eu também... Tenho um jantar logo à noite e...

Álvaro – Além disso, no estado em que ele está, a nossa presença não deve fazer grande diferença...

Joana – Eu fico aqui com ele, se não se importarem...

Luísa – Mas com certeza... Afinal, é a mulher dele...

Álvaro e Luísa preparam-se para sair, mas a enfermeira regressa.

Alegria – Ah, a senhora deve ser a senhora Mariani...

Joana – Sim... Pode dar-me mais algumas informações sobre o estado do Kevin?

Alegria – Estamos à espera dos últimos resultados, mas não vos vou esconder que não estamos muito otimistas.

Joana – Está a piorar?

Alegria – Não, não diria isso. Digamos que o estado dele é estacionário.

Joana – Então talvez ainda haja alguma esperança.

Alegria – Infelizmente, minha senhora, neste caso «estacionário» não é uma boa notícia.

Álvaro – O estado de um vegetal também é estacionário.

Alegria – O senhor Mariani está, de facto, em estado vegetativo. E há muito poucas hipóteses de alguma vez sair dele.

Joana – Tem a certeza?

Alegria – Infelizmente... Creio que devem começar a pensar no que será melhor para ele.

Luísa – Acha que está a sofrer?

Alegria – É difícil dizer, mas... Convenhamos que sobreviver nestas condições... não é propriamente viver.

Luísa – A enfermeira tem razão, Joana. Compreendo a sua dor, mas não podemos deixá-lo assim...

Alegria – Há uma altura em que é preciso começar a fazer o luto. A perda de um ente querido é uma provação que o Senhor nos envia, evidentemente. Mas, quando chega a hora, não vale a pena adiar o inevitável. Há montanhas de papelada para preencher. E depois há a herança, claro. É melhor não deixar arrastar estas coisas sem necessidade.

Álvaro – A herança?

Luísa – Pois é, a herança... Tínhamo-nos esquecido...

Álvaro – E quem são os herdeiros?

Alegria – Em primeiro lugar... *(Para Joana)* A senhora é a mulher dele, não é?

Joana – Sim, quer dizer...

Alegria – Se o seu marido falecer, naturalmente será a senhora a herdar... Aliás, na qualidade de esposa do doente, tenho já uns documentos para lhe dar a assinar...

Joana – A questão é que... Na verdade, ainda não éramos casados...

Alegria – Ah... E também não têm filhos?

Joana – Não...

Alegria – Nesse caso, herdaram o irmão e a irmã... Mas imagino que, neste momento, essa não seja a vossa principal preocupação...

Álvaro *(sonhador)* – Não, claro que não...

Alegria – Deixo-vos a conversar sobre tudo isto em família...

A enfermeira sai.

Joana – Acho que preciso de me refrescar um bocadinho...

Joana sai para a casa de banho.

Álvaro – Então seríamos nós os herdeiros...

Luísa – Somos a única família dele e, se não é casado...

Álvaro – Que coisa...

Luísa – Pois...

Álvaro – Achas que ele tinha muito dinheiro?

Luísa – Duvido, mas... Nunca se sabe... Há anos que não o víamos...

Álvaro – Nem sei em que é que o Kevin trabalhava.

Luísa – Não sei porquê, mas imagino-o desempregado. E tu?

Álvaro – Também... Se calhar até já perdeu direito ao subsídio...

Luísa – E de certeza que não figurava na lista das maiores fortunas do país...

Álvaro – Devíamos perguntar à mulher dele... Quer dizer, à Joana... Ela há de saber...

Joana regressa.

Luísa – Melhor?

Joana parece andar à procura de qualquer coisa.

Joana – Estou bem... Sabem onde guardaram os pertences dele?

Luísa – Os pertences?

Joana – Não trouxe uma mala quando aqui chegou?

Álvaro – Se o internaram depois de um acidente, não me parece que tivesse tempo para fazer a mala...

Luísa – Não é como quando se vai ter um bebé...

Álvaro – Porque é que quer saber da mala? Não me parece que vá precisar dela nos próximos tempos...

Joana – Não, claro... Desculpem, são os nervos...

Álvaro – Já agora... A senhora que vivia com ele, talvez nos pudesse contar alguma coisa sobre a vida dele. É que já não o víamos há muito tempo...

Luísa – Sim, como é que lhe corriam as coisas?

Joana – Como é que lhe corriam as coisas?

Luísa – O trabalho... Ele tinha alguma profissão?

Joana (*distraída*) – Uma profissão? O Kevin?

Álvaro – Bem me parecia...

Joana – Vou perguntar à enfermeira se guardaram a mala dele em algum sítio...

Ela sai.

Álvaro – Está um bocado perturbada, não está?

Luísa – Não admira.

Álvaro – De qualquer maneira, pelos vistos não enriqueceu... Portanto, quanto à herança...

Luísa – Pode não ter enriquecido, mas quando a mãe morreu, há três anos, recebeu a parte dele da herança dos nossos pais.

Álvaro – Bolas, é verdade! Tens razão...

Luísa – Assim recuperávamos esse dinheiro... Quer dizer, é natural que volte para nós. Afinal, por que razão havia de sair da família?

Álvaro – Sobretudo se o Kevin nem sequer era realmente da família. Se os nossos pais o adotaram na China. Ou até na Mouraria...

Luísa – Para ser franca, neste momento dava-me jeito entrar algum dinheiro. Comprámos uma casa no Alentejo, mesmo ao lado da quinta do diretor da SIC.

Álvaro – A sério? O Alentejo é lindíssimo.

Luísa – O problema é que são precisas imensas obras antes de a casa se parecer com a do diretor da SIC. Por enquanto, parece mais um moinho em ruínas...

Álvaro – E ele ali, feito um vegetal...

Luísa – Seria quase um ato de compaixão.

Ficam pensativos por momentos.

Álvaro – E se já estoirou o dinheiro todo?

Luísa – Achas?

Álvaro – Conhecendo o Kevin...

Joana regressa.

Joana – Não, pelos vistos não tinha mala nenhuma...

Luísa – Mas, de resto, estava bem? Ao menos não tinha problemas de dinheiro?

Joana – Problemas de dinheiro?

Álvaro – Acho que recebeu uma pequena herança há pouco tempo. Espero que a tenha administrado como um bom pai de família...

Joana – Pai de família? Já vos disse que não tínhamos filhos!

Luísa – Ah, sim, é verdade...

A enfermeira regressa.

Alegria – Então? Já conseguiram discutir em família o que será melhor para o fim de vida do vosso ente querido?

Álvaro – É que...

Luísa – Ainda não tomámos uma decisão.

Álvaro – E não estamos todos necessariamente de acordo...

Luísa – A senhora ainda não está preparada para que...

Joana continua a procurar qualquer coisa.

Joana – Portanto, temos a certeza de que ele não chegou aqui com uma mala?

Espreita para debaixo da cama.

Alegria – Seja como for, se o senhor Mariani não era casado, compete ao irmão e à irmã decidir o que é melhor para ele.

Álvaro – Na verdade, ainda gostávamos de ter mais algumas informações.

Alegria – Sobre o estado clínico dele, imagino. Pois bem, como já vos disse...

Álvaro – Pensávamos também na questão financeira.

Alegria – Não se preocupem. A eutanásia ainda não é comparticipada pelo Serviço Nacional de Saúde, mas consideraremos esse ato médico um gesto de caridade cristã totalmente desinteressado. Agora, se quiserem fazer um donativo, o Doutor Graça tenciona criar uma fundação em Cascais para...

Luísa – Referíamo-nos mais à questão da herança...

Alegria – A herança, estou a ver... É perfeitamente natural.

Álvaro – Sabe se o senhor Mariani estava bem de vida?

Alegria – Bom, tinha dinheiro suficiente para pagar um passe da GIRA... Mas sobre isso é melhor perguntar à companheira dele...

Joana (*distraída*) – Desculpe?

Alegria – O que precisam de saber é que, ao aceitar a herança do vosso irmão, aceitam também as eventuais dívidas. Incluindo as despesas de internamento...

Luísa – A sério?

Álvaro e Luísa observam o doente e a aparelhagem à sua volta.

Álvaro – Estes cuidados intensivos devem custar uma pipa de massa, não?

Alegria – Uma autêntica fortuna. Em princípio, há muita coisa que é comparticipada. Mas, sem um bom seguro de saúde...

Luísa – E o Kevin tinha um bom seguro?

Alegria – Tenho de confirmar com a administração... Mas, em caso de dúvida, podem sempre repudiar a herança em benefício da fundação do Doutor Graça...

Álvaro – Ah, pois, evidentemente...

Alegria – Quanto a mantê-lo vivo, aconselho-vos a pesar muito bem os prós e os contras... Porque, claro, se ficar anos em coma, a conta não para de crescer...

Luísa – Nesse caso, talvez devamos pensar em abreviar rapidamente o sofrimento do nosso irmão. Que achas, Álvaro?

Alegria – Deixo-vos pensar mais um pouco...

Sai.

Luísa (para Joana) – E a senhora, que acha?

Joana – Ainda há uma pequena hipótese de ele sair do coma, não há?

Álvaro – Afinal, se repudiarmos a herança, esteja ele vivo ou morto...

Luísa – Pois... Talvez não devêssemos precipitar o fim dele. Não seria muito cristão...

Álvaro – Tenho de perguntar ao meu advogado, mas não sei se, mesmo repudiando a herança, as despesas hospitalares continuam a ficar a cargo da família. Chamam-lhe obrigação de assistência.

Luísa – Obrigação de assistência? Mas nós mal o conhecemos!

Ele aproxima-se do doente.

Álvaro – Acham que nos está a ouvir?

Joana – Quem sabe...

Luísa – E quanto à doação de órgãos, que acham?

Álvaro – Doação de órgãos?

Luísa – O quê? Estás a pensar vendê-los?

Álvaro – Não sei... Quanto é que poderíamos conseguir por eles?

Luísa – Talvez desse para pagar o internamento... Estou a brincar. São os nervos.

Álvaro – Tens a certeza de que ele não nos ouve?

Luísa (para Joana) – Sabe qual era a opinião dele sobre a doação de órgãos?

Joana – Não...

Momento de hesitação.

Luísa (para Joana) – E se casasse com o Kevin antes de o desligarmos?

Álvaro – E antes de lhe retirarem os órgãos, evidentemente.

Luísa – Assim podia ficar com o apelido dele. Uma recordação...

Álvaro – Já que não tiveram filhos...

Luísa – Não me parece razoável chegarmos ao ponto de uma inseminação póstuma.

Álvaro – Agora, não sei se é possível casar com uma pessoa em coma... Tenho de perguntar também ao meu advogado...

Joana – Pois, estou mesmo a ver a manobra... Há pouco eu não era da família. Agora querem que case com ele para ficar eu a pagar a conta do hospital...

Luísa – Não veja as coisas dessa maneira...

A enfermeira regressa.

Alegria – Então? Tudo bem por aqui? Quero dizer... dentro do possível. Já vos ofereceram um café? Um bolinho?

Luísa – Precisávamos mais era dos seus conselhos...

Alegria – Ora essa. Estamos cá para ajudar.

Álvaro – É sobre o seguro de saúde do Kevin.

Alegria – Ah, sim... Precisamente, estive a informar-me junto da administração e receio que, também aí, não tenha boas notícias...

Luísa – A sério?

Alegria – Infelizmente, o vosso irmão não tinha seguro de saúde. E, sem querer assustar-vos, há mais de seis meses que não tinha a situação regularizada junto dos serviços de saúde. Mas não vos quero preocupar com isso agora...

Luísa – Não se preocupe, já estamos suficientemente preocupados...

Alegria – Compreendo... Ver um irmão... ou o companheiro neste estado... É muito difícil, bem sei.

Joana – Mas acha que ainda há alguma hipótese de ele voltar a falar?

Alegria – Voltar a falar? Meu Deus... Um milagre é sempre possível. Mas, para milagres, receio que tenham de recorrer a instâncias superiores. Os milagres são menos garantidos do que a eutanásia, mas, ao contrário dos cuidados intensivos, a Igreja cobre cem por cento das despesas...

Luísa – Obrigada por estas palavras reconfortantes...

Alegria – Ah, esquecia-me: acabou de chegar um polícia à receção.

Joana – Um polícia?

Alegria – Expliquei-lhe que o doente não pode responder às perguntas, mas quer falar com a família. Pedi-lhe que subisse... E, se mudarem de ideias quanto ao café e aos bolinhos, basta tocar à campainha. O serviço de quartos está ao vosso dispor...

A enfermeira sai.

Álvaro – Um polícia? Porquê um polícia?

Luísa – Talvez estejam a investigar as circunstâncias exatas do acidente. É normal...

Álvaro – Pois... Afinal, ainda não sabemos como aconteceu.

Luísa – A enfermeira falou de um cartão da GIRA...

Álvaro – Então a senhora também não sabe o que se passou?

Joana – Bem... Quer dizer... Não exatamente.

Luísa – O polícia há de esclarecer-nos.

Álvaro (*reparando no embaraço de Joana*) – Não tem curiosidade em saber?

Joana – Ouçam, não tenho tempo para explicar, mas, por favor, não falem de mim à polícia, está bem?

Álvaro – E porquê?

Joana – Eu... Não sou a mulher do Kevin... Quer dizer, nem sequer era propriamente companheira dele.

Luísa – Ah, não? Então quem é a senhora?

Joana – Digamos que... tínhamos negócios em comum.

Álvaro – Negócios? Que género de negócios?

Luísa – Pelos vistos, daqueles que a polícia não deve conhecer...

Batem à porta.

Joana – Explico-vos depois. Vou esconder-me na casa de banho até o polícia se ir embora.

Entra o inspetor Santos (homem ou mulher).

Santos – Inspetor Santos. Está um calor aqui, não está? Suponho que sejam a família...

Álvaro – O irmão e a irmã, sim.

Santos – Estou a investigar o caso em que o vosso irmão está envolvido.

Luísa – O caso? Foi um acidente numa bicicleta GIRA, não foi? Não foi propriamente o naufrágio do Titanic...

Santos – A situação é um bocadinho mais complicada...

Álvaro – A sério?

Santos – Julgava que já soubessem... O vosso irmão ficou em coma na sequência de um assalto.

Luísa – Um assalto?

Santos – O assalto a uma agência do Crédito Agrícola, perto de onde ele morava.

Álvaro – Estou a ver. O Kevin sempre teve um grande espírito cooperativo.

Luísa – Sobretudo quando era para nos pedir dinheiro emprestado.

Álvaro – Ia a passar de bicicleta e apanhou uma bala perdida, foi isso?

Luísa – Não me admirava nada.

Álvaro – O nosso irmão nunca teve sorte...

Santos – Não foi exatamente assim... O vosso irmão esteve mesmo envolvido no assalto, mas... era ele o assaltante.

Os dois ficam estupefactos.

Luísa – O Kevin? Assaltou o Crédito Agrícola?

Santos – Sim. Com um cúmplice.

Álvaro – Um assalto... Não parece nada dele...

Luísa – Um assalto numa GIRA? Com um capacete integral na cabeça?

Álvaro – Ah, isso já parece mais próprio dele...

Santos – Tinham conhecimento das atividades ilícitas do vosso irmão?

Luísa – Há anos que não o víamos...

Álvaro – Numa bicicleta partilhada... Isso não conta como atenuante? Afinal, o Kevin inventou o assalto ecológico...

Luísa – Então não foi um acidente de viação?

Santos – Sim e não... O vosso irmão embateu de frente num autocarro, depois de uma perseguição policial pelas ruas de Lisboa.

Álvaro – Uma perseguição? Ele ia numa GIRA! E os polícias iam de patins?

Santos – Isto não é brincadeira, senhor Mariani. Estamos a falar de um assalto à mão armada.

Luísa – Estamos conscientes disso, senhor inspetor. E recordo-lhe que o nosso irmão está entre a vida e a morte...

Santos – Lamento muito, acreditem... Até porque, sem o acidente, podia ter-nos dado o nome da pessoa que o ajudou...

Álvaro – A cúmplice? Portanto, era uma mulher...

Santos mostra-lhes uma folha.

Santos – Aqui têm o retrato-robô. Esta cara diz-vos alguma coisa?

Álvaro – Infelizmente, não trouxe os óculos de ver ao perto... (*Finge ter dificuldade em distinguir o desenho.*) Sabe como é, quando chega a presbiopia...

Santos (*para Luísa*) – E a senhora?

Luísa – Quem, eu? Sou péssima a reconhecer caras. Confundo toda a gente. Olhe, se me levassem a um clube de troca de casais, era capaz de acabar na cama com o meu próprio marido por não o ter reconhecido...

Santos – Estou a ver...

Álvaro – Que sorte a sua...

Santos – Estive há pouco a falar com o médico... Segundo ele, é muito pouco provável que o suspeito acorde do coma num futuro próximo.

Álvaro – Se acordar, vai parar à cadeia... Isso também não lhe dá grande incentivo para ressuscitar.

Luísa – Que pena arrisca, exatamente?

Santos – Se nos disser o nome da cúmplice e devolver o dinheiro, os juízes talvez mostrem alguma clemência...

Álvaro – Quanto?

Santos – A arma era falsa, mas, no papel, o crime é o mesmo. Teoricamente, pode chegar aos vinte anos.

Álvaro – Não, eu queria dizer o dinheiro... Quanto?

Santos – Três milhões.

Álvaro – Três milhões de euros?

Luísa – Não é coisa pouca...

Álvaro – E eu que pensava que o Kevin não tinha ambição nenhuma... Quase começo a admirá-lo...

Luísa – E diz que não encontraram esses três milhões?

Santos – As testemunhas confirmam que era o vosso irmão quem levava a mala depois do assalto ao Crédito Agrícola... Mas, quando o encontrámos após o acidente, a mala já tinha desaparecido...

Álvaro – Como é que tudo aconteceu, ao certo?

Santos – Depois do assalto, os cúmplices separaram-se para despistar a polícia. Perdemos-lhe o rasto a ela. Quanto ao vosso irmão, acabámos por localizá-lo perto da estação de Santa Apolónia.

Luísa – Localizá-lo? Como?

Santos – Um tipo numa GIRA com um capacete integral não passa propriamente despercebido...

Álvaro – Pelos vistos, passou despercebido ao motorista do autocarro que o atropelou...

Santos – Seja como for, antes do acidente teve tempo de se livrar da mala.

Luísa – Da mala...

Santos – Sabem alguma coisa sobre essa mala?

Luísa – Não, não, absolutamente nada...

Santos – De qualquer modo, saibam que há um mandado de detenção contra o vosso irmão. Em princípio, devia ficar de guarda até ele acordar, mas...

Álvaro – No estado em que está, não vai fugir...

Santos – E, francamente, detesto hospitais. Deprimem-me.

Álvaro – E dizem que estão cheios de micróbios resistentes a todos os antibióticos.

Luísa – Sabe o ditado: num hospital, sabemos quando entramos, mas nunca sabemos se saímos vivos.

Álvaro – Até quando vimos só visitar um doente... ou uma mulher que acabou de dar à luz. Eu, só por causa disso, recusei assistir ao nascimento dos meus três filhos.

Santos – A sério?

Luísa – Em matéria de micróbios e vírus, o hospital é um verdadeiro caldo de cultura.

Álvaro – A unidade de doenças tropicais fica mesmo aqui ao lado. O Doutor Graça dizia-me que na semana passada tiveram um caso de malária.

Luísa – Ele não disse febre de Ébola?

Álvaro – Ah, sim, talvez...

Santos – Disse isso?

Luísa – Não espalhe a notícia, mas, para mim, este hospital já devia estar de quarentena. Pelos vistos, as enfermeiras caem que nem tordos...

Santos parece agora com pressa de sair.

Santos – Bom, nesse caso, vou andando... Voltarei de vez em quando para saber notícias...

Álvaro – Muito obrigado pela atenção, inspetor.

Álvaro estende-lhe a mão. Santos não tem outro remédio senão apertá-la.

Santos – Importam-se que lave as mãos antes de sair?

Luísa – Onde?

Santos – Na casa de banho!

Os outros dois ficam consternados.

Álvaro – É que...

Santos – Há algum problema?

Luísa – Não, não, problema nenhum...

Santos entra na casa de banho. Os dois irmãos trocam um olhar preocupado.

Álvaro – Podemos dizer que ela nos ameaçou de morte se falássemos dela...

Luísa – Com a pistola de brincar?

Álvaro – Não era suposto sabermos que era falsa!

Santos regressa.

Santos – Estou com um calor terrível desde que aqui cheguei. Espero não ter apanhado nenhuma porcaria... Avisam-me se o vosso irmão acordar, está bem?

Luísa – Sem falta, inspetor...

Santos sai.

Luísa – Como é que ela conseguiu?

Álvaro – Se calhar escondeu-se atrás da cortina do duche. Já vi isso num filme de terror...

Luísa – Seja como for, acho que podemos esquecer a herança.

Álvaro – Se o Kevin chegou ao ponto de assaltar o Crédito Agrícola numa GIRA, não devia estar a passar por um bom momento.

Luísa – Mas há o dinheiro do assalto...

Álvaro – Ah, sim... A mala...

Luísa – Agora percebo porque é que a Joana não quer que desliguem o Kevin antes de ele lhe dizer o que fez ao dinheiro...

Álvaro – E porque é que ela estava tão interessada em saber se ele tinha bagagem quando chegou...

Joana regressa.

Joana – Felizmente, a casa de banho comunica com o quarto ao lado.

Álvaro – O doente desse quarto não se admirou de a ver entrar?

Joana – Também está em coma...

Luísa – Ah, claro, o 13-A...

Joana – Está bem, ouvi tudo...

Luísa – Então?

Joana – Pronto. A cúmplice sou eu.

Álvaro – Não me diga... Por acaso, o retrato-robô está muitíssimo parecido consigo.

Luísa – Vai ser difícil explicar ao inspetor que não a reconhecemos, se ele descobrir que estivemos aqui consigo...

Joana – Então agradeço a vossa discrição...

Álvaro – Mesmo assim, podemos meter-nos numa grande alhada...

Luísa – E o que ganhamos nós com isso?

Joana – Está bem. Se me ajudarem a encontrar o dinheiro, dividimos. Um milhão para cada um...

Luísa – Dividimos por três?

Álvaro – E o que fazemos ao Kevin?

Joana – No estado em que ele está...

Luísa – Precisamente. Não vai ser fácil fazê-lo contar onde escondeu o dinheiro.

Joana – Talvez tenha mais confiança na própria família.

Álvaro – E depois?

Joana – Se conseguirmos que ele desembuche, desligamo-lo a seguir. É preferível a deixá-lo viver como um vegetal. E três milhões divididos por quatro... Convenhamos que não dá uma conta tão redonda...

Álvaro – E assim também evita que ele a denuncie à polícia, não é verdade?

Joana – Pelo que percebi, não eram muito unidos. E assim também não têm de pagar as despesas médicas dele durante anos...

Luísa – Gostava mesmo de ter a certeza de que ele não nos está a ouvir...

Álvaro – Achas que pode estar a fingir?

Joana – A fingir um coma profundo? Isso é possível?

Luísa – Tinha algum talento natural, não tinha? Lembras-te de quando éramos pequenos? Às vezes dormia tão profundamente que de manhã até parecia estar em coma...

Os três aproximam-se da cama.

Joana – Se calhar o sacana quer ficar com o dinheiro todo para ele...

Luísa – Kevin, estás a ouvir-nos?

Álvaro – Com aquele capacete integral, não deve ser fácil.

Luísa – O médico disse que, se lho tirássemos, o cérebro podia espalhar-se pela almofada...

Joana – Basta levantar a viseira.

Joana levanta a viseira.

Álvaro – Kevin, sou eu, o teu irmão Álvaro...

Joana abana o doente com alguma brutalidade.

Joana – Kevin! Porra, vais falar ou não? Onde é que meteste a massa?

Luísa – Devagar! Ainda o mata!

Álvaro – Abriu a boca...

Joana – Raios, é verdade...

Luísa – Parece que quer dizer-nos alguma coisa...

Álvaro – Pode ser só um reflexo...

Joana – Olhem! Parece que... Tem qualquer coisa na boca!

Luísa – Ah, é verdade...

Joana enfia a mão pela abertura do capacete.

Joana – Vá, cospe isso, raios!

Álvaro – Com calma...

Joana – Sacana! Mordeu-me!

Álvaro – Espero que não seja contagioso...

Luísa – Então? O que é?

Joana retira uma chave da boca de Kevin e ergue-a.

Joana – Porra! Uma chave!

Luísa – Uma chave?

Joana – Parece a chave de um cacifo de estação... Talvez tenha conseguido esconder a mala num cacifo antes do acidente...

Luísa – E tentou engolir a chave quando viu que a polícia o ia apanhar.

Álvaro – Não faltam estações em Lisboa...

Joana – O polícia disse que o acidente foi perto de Santa Apolónia.

Álvaro – É inacreditável... Parece um filme policial.

Luísa – Ou uma peça de teatro...

Joana – Eu não posso ir lá. A polícia anda à minha procura e tem o meu retrato-robô.

Álvaro – Muito parecido, por sinal.

Joana (*para Luísa*) – Vá a senhora.

Luísa – Eu?

Joana – Com esse ar de burguesa toda aperaltada, ninguém desconfiará de si.

Luísa – Muito obrigada... E se me prendem?

Álvaro – Estamos a falar de três milhões de euros... Pensa nas obras que podias fazer sem fatura na tua casa no Alentejo.

Luísa – E porque é que não vamos os dois?

Joana – Pois, para fugirem com o dinheiro! Nem pensar. (*Saca de uma pistola e aponta-a aos irmãos.*) Ele fica aqui.

Luísa – Deixe-se disso... O inspetor disse que a arma era de brincar.

Joana – Está bem, mas não tentem enganar-me, ouviram?

Álvaro – Além disso, alguém tem de ficar junto do Kevin. Senão, parece estranho.

Luísa – Não sei... Não seria melhor avisar a polícia?

Joana – Para me mandarem para a cadeia?

Álvaro – E se não houver nada nesse cacifo? Se encontrarmos alguma coisa, logo decidimos o que fazer.

Luísa – Entretanto, isso chama-se receptação...

Álvaro – Pensa em tudo o que podias fazer com um milhão de euros.

Luísa – Pois...

Álvaro – Transformavas o teu moinho em ruínas num palácio! Com uma piscina ainda maior do que a do diretor da SIC!

Luísa – Vou lá.

Sai. Os outros dois trocam um olhar embaraçado. O telemóvel de Álvaro toca e ele atende. Joana aproxima-se do doente.

Álvaro – Sim... Não, ainda estou no hospital... É que... Digamos que se complicou um bocado... Olha, há males que vêm por bem. Afinal, até pode ser uma boa notícia... O Kevin? Não, continua em coma... Depois conto-te... Agora não posso falar... Não, não esperes por mim para jantar... Está bem, eu também.

Joana – Parece que respira melhor desde que lhe tirámos a chave da garganta, não lhe parece?

Álvaro – Se calhar salvámos-lhe a vida...

Joana – Também não exageremos.

Álvaro – Não devíamos avisar o médico?

Joana – Para a polícia o mandar para a cadeia?

Precisamente nesse momento, a enfermeira aparece por instantes.

Alegria – Está tudo bem?

Joana – Digamos que... está estacionário.

Alegria – Toquem à campainha se precisarem de alguma coisa.

A enfermeira sai.

Álvaro – E agora? O que fazemos?

Joana – Por enquanto, esperamos.

Sentam-se cada um numa cadeira e começam a dormir. Passa algum tempo; a eclipse pode ser assinalada por uma mudança de luz. O telemóvel de Álvaro volta a tocar. Ele acorda sobressaltado. Joana continua a dormir.

Álvaro – Ah, Luísa... Então encontraste o cacifo? Uma mala! Bolas... Não, tens razão, é melhor não a abrires no metro, está cheio de carteiristas. Imagina que a mala está cheia de notas... A Joana? Está aqui a dormir... Ouve, não sei se... Não posso simplesmente desaparecer sem lhe dizer nada. Fizemos um acordo com ela... Sim, eu sei que ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão, mas...

Joana acorda e ouve o fim da conversa. Álvaro apercebe-se e muda de tom.

Álvaro – Acho melhor vires para aqui e depois vemos tudo juntos, está bem? Até já...

Desliga o telemóvel. Joana lança-lhe um olhar desconfiado.

Joana – Não estão a tentar passar-me a perna, pois não?

Álvaro – Claro que não! A Luísa encontrou a mala! Está a chegar...

A enfermeira regressa.

Alegria – Que enternecedor quadro de família... O Kevin tem muita sorte em ter familiares tão dedicados junto dele... Infelizmente, nem sempre é assim...

Álvaro – Pois... Mas, afinal de contas, só se morre uma vez, não é?

A enfermeira examina os aparelhos que rodeiam o doente.

Alegria – Infelizmente, não vejo grande evolução. O eletroencefalograma continua plano.

Álvaro – Também não sei se, antes do acidente, o eletroencefalograma dele teria muito mais altos e baixos... Estou a brincar, claro.

Alegria – Tem razão. O humor ajuda a desdramatizar. Eu própria, nos casos mais desesperados, às vezes visto-me de palhaço para animar o ambiente.

Joana – A sério...?

Alegria – E, como o Doutor Graça costuma dizer aos seus doentes em cuidados paliativos, estamos todos de passagem por este mundo...

Álvaro – Neste hospital sabem mesmo encontrar as palavras certas para reconfortar as pessoas. Deve levantar-lhes imenso o moral...

Alegria – Faz parte da profissão... Quase uma vocação religiosa... Se precisarem de mim, sabem onde estou...

Joana – Obrigada, chamamos...

A enfermeira prepara-se para sair. Luísa regressa com uma mala e cruza-se com ela. Momento embaraçoso.

Alegria – Ah, foi buscar algumas coisas para o doente. Que simpático da sua parte. Não sei se, no estado em que ele está... Bom, deixo-vos em família.

A enfermeira sai. Luísa pousa a mala na cama, aos pés do doente. Contemplam-na, fascinados.

Álvaro – Então? Já viste o que tem lá dentro?

Luísa – Preferi abri-la aqui. É mais prudente, não achas?

Joana – Fez muito bem.

Luísa – Além disso, tem um código...

Álvaro – Um código? O idiota do Kevin... Devia ter medo de ser roubado...

Luísa – E agora, como fazemos?

Joana – Não se preocupem. Eu sei o código.

Joana pega na mala e marca o código.

Álvaro – 007? Que imaginação...

Joana abre a mala. A desilusão é visível nos rostos dos três. Luísa faz o inventário do conteúdo.

Luísa – Umas roupas... Um fato de banho...

Álvaro – E um método para aprender mirandês...

Joana – O sacana tentou enganar-me. Devia querer fugir para Miranda do Douro com o dinheiro.

Luísa – A partir de Santa Apolónia?

Joana – Seja como for, o dinheiro não está aqui...

Álvaro (*para Luísa*) – Não serás tu que estás a tentar enganar-nos?

Luísa – Eu? Mas fui eu que te disse que não sabia o código!

Joana – Vá, tenham calma... Afinal, é a sua irmã... E agora somos quase da mesma família...

Luísa aproxima-se do doente.

Luísa – Abriu os olhos!

Álvaro – Então nem tudo está perdido.

Luísa – Para recuperar o dinheiro, queres tu dizer?

Álvaro – Também, sim...

Joana – Pode ser um reflexo nervoso...

Luísa – Kevin, estás a ouvir-nos?

Álvaro – Piscou os olhos!

Luísa – Talvez queira dizer que sim...

Álvaro – Tens razão. É assim que se fala com as pessoas em coma. Vi num filme. Uma piscadela para sim, duas para não. Ou ao contrário, já não sei...

Luísa – Kevin? Ouve-me bem e tenta responder com sim ou não: chamas-te Kevin?

Álvaro – Que pergunta parva...

Luísa – É só para saber se percebeu o código.

Álvaro – Piscou ou não?

Joana – Com o capacete à frente não se vê grande coisa. Podíamos tentar tirá-lo...

Luísa – Quer acabar com ele, é isso?

Joana – Claro que não!

Álvaro – E ainda por cima fazia uma porcaria tremenda...

A enfermeira entra no quarto. Joana baixa imediatamente a viseira do capacete.

Alegria – Só vinha avisar que o inspetor Santos está lá em baixo. Deve chegar aqui a qualquer momento...

Luísa – Muito obrigada por nos avisar, enfermeira Alegria...

A enfermeira sai.

Álvaro – Acho melhor ir esconder-se.

Joana – Sim, levo a mala para ele não a ver.

Luísa – É melhor pô-la debaixo da cama.

Luísa pega na mala e esconde-a debaixo da cama. Joana parece contrariada.

Luísa – Vá, ande!

Joana esconde-se na casa de banho.

Entra Santos. Pode estar coberto de manchas vermelhas ou borbulhas.

Álvaro – Inspetor Santos, como está?

Santos – Não muito bem, para dizer a verdade... Continuo com uns afrontamentos...

Luísa – Faça favor, sente-se, senhor inspetor...

Santos – Na verdade, voltei para consultar o Doutor Graça... Não o viram por acaso?

Álvaro – Deve andar por aí. Pergunte à enfermeira Alegria, parecem muito próximos.

Luísa – De onde tiraste essa ideia?

Álvaro – Não sei... Intuição... E, quando cheguei, enganei-me na porta e pareceu-me ver o Doutor Graça a ter relações com a enfermeira Alegria no quarto 13-A...

Luísa – Que vergonha... Ainda bem que o doente desse quarto também está em coma...

Santos – E o vosso irmão? Como está a evoluir?

Luísa – Na verdade, a evolução não é muito favorável.

Álvaro – Se continuar assim, receio que tenhamos de o mandar abater...

Luísa – E a investigação? Há novidades?

Santos – Uma coisa é certa, estão muito longe de ser a Bonnie e o Clyde. Não vos digo nada de novo ao afirmar que o vosso irmão tinha o QI de uma ostra. Tudo indica que foi a cúmplice quem planeou o assalto. Era ela o cérebro do grupo.

Álvaro – O cérebro? Pois, não me admira nada...

Luísa – O cérebro dele, mesmo antes do acidente...

Santos – A maldita mandou-o para a linha da frente, à espera de ficar com o dinheiro a seguir. Infelizmente, para ela... e para o vosso irmão, as coisas correram mal.

Álvaro – Estou a ver...

Luísa – Coitado, nunca teve sorte...

Álvaro – Mais alguma novidade?

Santos – Há testemunhas que dizem tê-lo visto guardar uma mala num cacifo da estação de Santa Apolónia. Fizemos buscas, mas não encontramos nada...

Luísa – Santa Apolónia... Esperemos que lhe valha de alguma coisa...

Santos – Como disse?

Luísa – Santa Apolónia! Uma santa! Com a ajuda dela, talvez ainda aconteça um milagre...

Santos – Pois... Bem, vou tentar encontrar o Doutor Desgraça... perdão, Graça... *(Enxuga a testa com um lenço.)* Estou cada vez com mais calor... Se houver novidades, aviso-vos...

Álvaro – Obrigado, inspetor... E cuide de si...

Santos sai. Entra a enfermeira.

Alegria – Não vos queria apressar, mas vão ter de tomar uma decisão sobre o vosso irmão... Acabámos de receber um pedido de fígado para transplante. Podia salvar uma vida...

Luísa – Está bem... Prometo dar-lhe uma resposta favorável em breve. Deixe-nos apenas despedir-nos dele, uma última vez, em família...

Alegria – Com certeza...

A enfermeira sai. Joana regressa da casa de banho.

Luísa, fora de si, sacode Kevin para tentar acordá-lo.

Luísa – Raios partam, Kevin, acorda! Queres mesmo ficar sem um pulmão?

Os outros dois olham para ela, um pouco preocupados.

Álvaro – Acho que ela disse fígado, não foi?

Joana – Bom, vou deixar-vos em família... E é melhor ir-me embora antes que esse polícia regresse...

Álvaro – Talvez esteja a fazer-se de morto para não ir preso?

Luísa – E para ficar com o dinheiro todo para ele!

Joana – Importam-se que leve a mala? Para vocês não tem valor nenhum, mas para mim tem um valor sentimental...

Álvaro – Valor sentimental?

Joana – Esta mala foi... Foi um presente do Kevin...

Luísa – Desde que aqui chegou que não fala noutra coisa senão nessa mala.

Álvaro – Sim, antes mesmo de termos encontrado a chave.

Luísa – Portanto, sabia que o dinheiro estava lá dentro...

Joana – Mas acabaram de ver que já lá não está!

Luísa – Será que procurámos bem, pelo menos?

Luísa tenta agarrar na mala. Joana resiste. Puxam ambas com força, cada uma para seu lado, até a mala se partir em duas. Álvaro aproxima-se.

Álvaro – Tem um fundo falso...

Luísa – O dinheiro está aqui!

Álvaro – Sabia disto e tentou enganar-nos!

Joana – Está bem, sabia... E então? O que fazemos agora?

Luísa – Dividimos, como combinado!

Joana – E por que razão haveria de dividir convosco?

Álvaro – Para não a denunciarmos à polícia, por exemplo. E para não sair deste hospital diretamente para passar vinte anos na cadeia de Tires.

Joana – Está bem, pronto...

Álvaro tira algumas notas da mala.

Álvaro – Três milhões de euros.

Luísa – Sinto-me como se tivesse ganho o Euromilhões...

Joana – Não se esqueçam de que é dinheiro sujo.

Álvaro – Sujo, sim, mas em notas pequenas e usadas.

Luísa – Para pagar as obras por fora na minha casa do Alentejo, é perfeito...

A enfermeira regressa com uma seringa. Joana apressa-se a guardar o dinheiro na mala.

Alegria – Pronto, a injeção já está preparada...

Álvaro – A injeção?

Luísa – Meu Deus, o Kevin! Apesar de tudo, é nosso irmão...

Alegria (*com um ar inquietante*) – Não se preocupem. Nunca ninguém se queixou das minhas injeções...

Escuro.

Joana – O que se passa?

Alegria – Uma falha de eletricidade. Não percebo, o sistema de emergência devia ter entrado em funcionamento imediatamente... Vou ver o que aconteceu...

Álvaro – Sim, é melhor. Porque, às escuras, ainda corre o risco de dar a injeção ao doente errado...

A enfermeira sai.

Luísa – Seja como for, não vamos tardar a descobrir se ele precisava realmente de todos estes aparelhos elétricos para continuar vivo...

Álvaro – Eu não fico aqui às escuras com um morto-vivo. Até me arrepio...

Luísa – Eu também não.

Joana – Vamos embora...

Saem. Ouve-se uma música de espera ao estilo de «As Quatro Estações», de Vivaldi. Passa algum tempo.

A luz regressa. Álvaro, Luísa e Joana voltam a entrar. A enfermeira também.

Alegria (*transtornada*) – Meu Deus! O sistema de emergência também falhou. Em princípio, isto nunca devia acontecer... Agora já está resolvido, mas...

Álvaro – Mas o quê?

Alegria – O vosso irmão estava a ser mantido vivo por vários aparelhos... que, evidentemente, funcionam todos a eletricidade...

Luísa – E então?

Alegria – Receio que a questão da eutanásia tenha deixado de se colocar...

Joana – Morreu?

Alegria – Já não se podia dizer que estivesse muito vivo, mas agora... Receio que esteja completamente morto. Vou confirmar...

Aproxima-se do doente e ausculta-o rapidamente.

Alegria – Sim, acabou... As coisas não correram exatamente como esperávamos, mas, afinal, talvez seja melhor assim, não acham? Com licença. O médico virá falar convosco daqui a pouco...

Sai. Os outros ficam perplexos.

Luísa – Que horror...

Álvaro – Apesar de tudo, era nosso irmão...

Joana (*aproximando-se da cama*) – Acho que agora já lhe podemos tirar o capacete.

Álvaro – Não sei se é muito prudente... Ainda fica tudo cheio de...

Luísa – Também não o podemos enterrar com um capacete integral na cabeça!

Joana – Ao menos vou levantar a viseira... Para nos despedirmos dele pela última vez...

Levanta a viseira.

Álvaro – Lembravas-te de que ele tinha olhos verdes?

Luísa – Seria o único da família...

Álvaro – O que também pode provar que afinal não era da família...

Joana aproxima-se e observa-o também.

Joana – Não!

Álvaro – Agora o quê?

Joana – Este não é o Kevin!

Luísa – Não é o Kevin? Mas há bocado era o Kevin.

Álvaro aproxima-se.

Álvaro – Pois, mas agora já não é.

Luísa – Então quem é?

Joana – Este tipo é muito parecido com o morto-vivo que vi há pouco no quarto ao lado.

Álvaro – Ah, é verdade, também o vi quando cheguei. É mesmo ele!

Luísa – Não veio para aqui sozinho, de certeza...

Joana – Então onde está o Kevin?

Álvaro olha para debaixo da cama.

Álvaro – O Kevin não foi a única coisa que desapareceu...

Luísa – A mala! Já não está aqui!

Entra Santos.

Santos – O Doutor Graça decidiu deixar-me em observação para fazer uns exames... Afinal tinham razão: num hospital sabemos quando entramos...

Santos dá de caras com Joana.

Santos – Que curioso... A senhora é muito parecida com uma pessoa cujo retrato tenho aqui no bolso...

Joana – Foram vocês que me denunciaram à polícia? E que esconderam o dinheiro?

Luísa – Não, de maneira nenhuma!

Álvaro – Garanto-lhe que não fazemos a menor ideia do que ela está a falar.

Santos (*desconfiado*) – Há pouco disseram-me que não conheciam esta senhora.

Luísa – E não conhecemos! É a primeira vez que a vemos. Não é, Álvaro? Aliás, quem é ela?

Álvaro – Estamos muito abalados, inspetor. Há de compreender.

Luísa – E agradeço-lhe que respeite a nossa dor.

Álvaro – O nosso irmão acabou de morrer.

Santos – Ao menos esse já não vai para a prisão. Mas esta senhora vem comigo. Quanto a vocês, logo veremos. Terão de passar na esquadra para prestar declarações. Para já, os meus sentimentos.

Luísa – Obrigada, inspetor.

Santos (*para Joana*) – Quanto a si, como dizem nas séries policiais americanas, tem o direito de permanecer calada, mas tudo o que disser poderá ser usado contra si...

Santos algema Joana e leva-a consigo.

Álvaro – Não percebo nada disto.

Luísa – O que será que aconteceu?

Álvaro – Achas que ele podia ter fingido estar em coma durante todo este tempo?

Luísa – E que aproveitou a falha de eletricidade para pôr o sem-abrigo no lugar dele, para acreditarmos que estava morto e o deixarmos em paz?

Álvaro – Isso explica porque é que os olhos mudaram de cor...

Luísa – E sobretudo porque é que o dinheiro desapareceu...

Álvaro – Afinal, o Kevin talvez não fosse assim tão estúpido.

Luísa – Pois... E é isso que me espanta.

Álvaro – Mas, afinal, de que cor eram os olhos dele?

Luísa não sabe responder.

Luísa – Era ruivo, acho eu... Não estou a ver um ruivo de olhos verdes...

Álvaro – O Kevin era ruivo?

Luísa – Não...?

Entra a enfermeira.

Alegria – Lamento sinceramente o que aconteceu. Em nome do hospital, quero pedir-vos desculpa. E, naturalmente, apresentar-vos as nossas condolências.

Luísa – Obrigada...

Alegria – Como, de qualquer maneira, já se pensava ajudá-lo a partir, espero que não apresentem queixa contra o hospital por este pequeno contratempo... que, no fundo, vos poupou uma decisão muito dolorosa...

Álvaro – Esteja descansada. Já temos problemas que cheguem...

Alegria – Consideremos que foi o destino... Para não dizer a mão de Deus...

Álvaro – Também não exageremos. Não foi propriamente a mão de Deus que desligou a eletricidade do hospital, pois não?

Alegria – Talvez tenha sido a mão do sindicato... Parece que houve uma greve selvagem na empresa de distribuição de eletricidade...

Álvaro – Em troca da nossa compreensão, enfermeira Alegria, concordará que se impõe um gesto comercial...

Alegria – Um gesto comercial?

Álvaro – Quanto às despesas de internamento do nosso querido falecido. Convenhamos que, se aplicássemos o princípio «satisfeito ou reembolsado»...

Alegria – Naturalmente. É uma oferta da casa, como é evidente.

Luísa – Também pedimos, se for possível, que poupem o nosso irmão a uma autópsia. Já sofreu o suficiente, não acha?

Alegria – Claro. Obrigada pela compreensão e voltem sempre que quiserem. Esta casa é vossa.

A enfermeira sai, aliviada. Os irmãos voltam a olhar para a cama.

Luísa – Enfim, ao menos para ele tudo acabou bem.

Álvaro – Mas esse não é ele!

Luísa – Precisamente! Isso quer dizer que ele não morreu!

Álvaro – Tens razão. E, como a polícia o julga morto, vai deixá-lo em paz.

Luísa – E com três milhões de euros, duvido que voltemos a vê-lo tão cedo.

Álvaro – É pena, estava quase a começar a gostar dele...

Momento de silêncio. Pode ouvir-se em fundo um breve excerto musical, escolhido pela encenação, que evoque o irmão que nunca se teve e a vida que poderiam ter partilhado.

Luísa – Enfim, o irmão que nunca tivemos conseguiu enganar-nos bem...

Álvaro – Pois... Como diz aquele ditado: «Só quando a maré baixa é que se vê quem andava a nadar nu.»

Luísa – Fernando Pessoa?

Álvaro – Warren Buffett.

Luísa – Outro filósofo novo...

Álvaro – Um multimilionário americano que fez fortuna a especular na bolsa... Mas os reis da finança não são os filósofos do século XXI?

Luísa – Mesmo assim... Fazer isto ao próprio irmão e à própria irmã... Que ingratidão!

Álvaro – Eu bem digo que aquele tipo nunca teve sentido de família.

Começam a sair.

Álvaro – Afinal, onde fica exatamente a tua casa no Alentejo?

Luísa – Em Parvalhal dos Dois Castelos.

Álvaro – Que engraçado... Não conheço...

Saem.

O médico e a enfermeira regressam. Ela empurra um pequeno carrinho médico, coberto com um pano branco.

Alegria – Pronto, já foram embora.

Graça – Já não era sem tempo... Posso ver o bebé?

A enfermeira tira o pano do carrinho e aparece a mala cheia de notas.

Graça – Acho que desta vez já podemos abrir a nossa clínica privada, enfermeira Alegria!

Alegria – Acho que agora já me pode chamar Josefina...

Graça beija-a.

Graça – Josefina, é o meu anjo da guarda! Então sabia desde o princípio que ele não estava em coma?

Alegria – Fiz um acordo com o Kevin assim que o internámos. Confirmávamos o diagnóstico de coma para ele não ir preso. Em troca, dividíamos o dinheiro por três.

Graça – A ideia do capacete integral foi genial. Eu próprio quase acreditei, no princípio...

Riem-se.

Alegria – Mas ir à estação era demasiado arriscado. Era muito melhor fazer com que nos entregassem o dinheiro aqui no hospital!

Graça – Pondo a chave do cacifo mesmo debaixo do nariz deles...

Alegria – Ou melhor, à vista de todos, em cima da língua do Kevin!

Graça – E agora, o que fazemos com ele? Quero dizer, com o verdadeiro Kevin, que está no quarto ao lado...

Alegria – Quando recuperar e a polícia já o tiver esquecido, arranjamós-lhe um lugar de jardineiro na nossa clínica de cirurgia estética em Cascais.

Graça – Depois de lhe refazermos a cara à borla, claro...

Alegria – Será o nosso primeiro doente! Assim já pode começar a treinar...

Graça – Tem razão. Afinal, prometemos-lhe que seria acionista minoritário...

Riem-se.

Graça – E aquela sua ideia da falsa falha de eletricidade! Francamente, devia escrever romances policiais!

Alegria – Ou peças de teatro!

Graça – Eu bem dizia que íamos fazer grandes coisas juntos, enfermeira Alegria.

Alegria – Josefina, por favor...

Beijam-se. Escuro.

Graça – Mas já não precisamos de mais falhas de eletricidade, pois não? Não acha que está a exagerar?

Alegria – Receio que, desta vez, Doutor Graça, a falha seja verdadeira.

Graça – E o pobre Kevin ainda estava ligado ao ventilador...

Alegria – Pois... Se a luz não voltar depressa... Afinal, parece que já não temos de dividir o dinheiro com ele...

Graça – Nesse caso, só nos resta esperar...

Voltam a beijar-se. Ouvem-se «As Quatro Estações», de Vivaldi.

Saem.

Luz.

Para um final feliz, pode ver-se Kevin entrar no quarto vindo da casa de banho, de capacete integral na cabeça (interpretado, por exemplo, pelo ator que fez Álvaro), e fugir em direção ao corredor.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-986-7

Documento para download gratuito